

**“AS PESSOAS FAZEM COM QUE VOCÊ CONSIGA SE ADAPTAR”:  
O PAPEL DO SUPORTE SOCIAL NA ADAPTAÇÃO DE REFUGIADOS À CIDADE  
DE SÃO PAULO**

*Liliane Pilon<sup>1</sup>*  
*Luciano Sewaybricker<sup>2</sup>*

**RESUMO**

*O número de refugiados no Brasil tem crescido intensamente, tornando necessário estudar essa realidade para acolhê-los e integrá-los de modo mais efetivo. O objetivo principal da pesquisa foi identificar aspectos comuns que favoreçam ou dificultem a adaptação dos refugiados a São Paulo a partir de entrevistas semiestruturadas em profundidade com três refugiados, posteriormente transcritas e exploradas a partir da Análise de Conteúdo. Emergiram categorias de análise – Passado, Presente e Futuro –, discutidas a partir da Psicologia Social, representadas com foco em estudos sobre memória social e psicologia intercultural. O suporte social – entendido como ações de acolhimento tanto do Estado quanto de instituições do terceiro setor e as provenientes de relacionamentos interpessoais – apareceu como elemento fundamental na adaptação do refugiado, que se dá em um processo da mão dupla: assim como o sujeito precisa buscar para si uma qualidade de vida, o novo país também precisa ir ao encontro de suas necessidades.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Refúgio, adaptação, psicologia social.*

---

<sup>1</sup> Psicóloga pelo Centro Universitário São Camilo, com ênfase em psicologia clínica e social. Psicóloga voluntária da Caritas Arquidiocesana de São Paulo, atuando no atendimento psicológico a refugiados e solicitantes de refúgio. Atuação clínica em consultório particular. Bacharel e licenciada em Letras - Português e Inglês - pela Universidade de São Paulo (USP). Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0003-3595-3242>. E-mail: [lianecpilon@gmail.com](mailto:lianecpilon@gmail.com).

<sup>2</sup> Psicólogo. Doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Fenomenologia Existencial pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é integrante da Rede de Atenção à Pessoa Indígena da USP e docente no Centro Universitário São Camilo/SP. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0001-6917-7275>. E-mail: [luciano.sewaybricker@prof.saocamilo-sp.br](mailto:luciano.sewaybricker@prof.saocamilo-sp.br).

**“PEOPLE MAKE YOUR ADAPTATION POSSIBLE”: THE ROLE OF SOCIAL SUPPORT  
IN REFUGEE'S ADAPTATION TO SÃO PAULO CITY**

**ABSTRACT**

*The number of refugees in Brazil has grown intensely, making it necessary to study this reality in order to receive and integrate them more effectively. The main objective of the research was to identify common aspects that favor or hinder the adaptation of refugees to São Paulo based on in-depth semi-structured interviews with three refugees, later transcribed and explored using Content Analysis. Analysis categories emerged – Past, Present and Future –, discussed from Social Psychology, represented with a focus on studies on social memory and intercultural psychology. Social support – understood as welcoming actions by both the State and third sector institutions and those arising from interpersonal relationships – appeared as a fundamental element in the adaptation of the refugee, which takes place in a two-way process: just as the subject needs to seek a quality of life for itself, the new country also has to meet its needs.*

**KEYWORDS:** *Refugee, adaptation, social psychology.*

*Do you know what a foreign accent is? It's a sign of bravery.*<sup>3</sup>

Amy Chua

## 1 INTRODUÇÃO

Crescentes conflitos sociais e econômicos em diversos países e políticas segregacionistas em diversas regiões do globo têm aumentado não apenas o fenômeno do refúgio em si, mas também as dificuldades dos refugiados se adaptarem aos seus novos locais de morada. Nesse sentido, muitos pesquisadores (PRADO; ARAÚJO, 2019; GALINA et al. 2017) enfatizam que o refúgio é uma consequência de crises mundiais atuais – como conflitos políticos e sociais; guerras e desastres naturais –, e não uma crise independente dos problemas socioeconômicos e políticos mundiais, constatação que pode parecer evidente para olhares mais atentos, mas que muitas vezes passa despercebida por muitos, devido a um imaginário xenófobo e preconceituoso que infelizmente ainda é presente em parte da cultura brasileira (DANTAS, 2017).

O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) define “refugiado” como:

Pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo social específico ou opinião política e não podem ou não querem valer-se da proteção de seu país. Segundo a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, são também refugiadas as pessoas obrigadas a deixar seu país de nacionalidade devido a grave e generalizada violação de direitos humanos. (CONARE, 2019, p. 3)

O mesmo comitê também aponta que, em 2019, foram contabilizados 70,8 milhões de refugiados pelo mundo, sendo 11.231 localizados no Brasil. Desse total no país, os sírios representam 36% da população refugiada, seguidos dos congolese, com 15%, e angolanos, com 9%, com aumento significativo do número de refugiados venezuelanos. Entre os estados brasileiros, São Paulo se encontra no terceiro lugar no número de solicitações de refúgio em 2018 (CONARE, 2019).

No Brasil, políticas públicas e ideologias acerca dos refugiados vêm se modificando ao longo dos anos. No ano de 2015, o presidente que foi eleito em 2019 no Brasil referiu-se aos refugiados como a “escória do mundo” (AZEVEDO, 2019, não paginado), lembrando que comportamentos e políticas xenófobas encontram apoio em declarações de figuras públicas, tais como um provável candidato à presidência da República, na época. Nos dias

---

<sup>3</sup> “Você sabe o que é um sotaque estrangeiro? É um sinal de coragem”.

de hoje, pesquisas (BBC, 2019) apontam que o brasileiro costuma ser mais tolerante à entrada de refugiados quando comparado à média internacional, mas ressaltam que o país ainda enfrenta grandes desafios no que diz respeito à integração dessa população, que vem crescendo cada vez mais: em 2017, o número de pedidos de refúgio no Brasil cresceu 240% (ACNUR BRASIL, 2019), o que mostra um aumento significativo desse grupo e a consequente necessidade de considerá-lo nos estudos políticos e sociais.

No âmbito social/coletivo, a literatura já aponta que a xenofobia brasileira (DANTAS, 2017) e o fraco planejamento de políticas públicas de acolhimento a refugiados (FRANÇA; RAMOS; MONTAGNER, 2019) configuram-se em alguns desses obstáculos para a efetiva integração desse perfil populacional, que, consequentemente, tem sua saúde mental afetada de forma significativa (GALINA et al., 2017). De acordo com esses últimos autores, em seus países de chegada, os refugiados enfrentam problemas como sistemas de saúde falhos; falta de alimentos e água; falta de informação referente a seus direitos e deveres; dificuldades com o idioma; diferenças culturais; mobilidade geográfica; separação da família; e pressão para enviar dinheiro para casa – que foram também relatados pelos participantes do presente estudo. Soma-se a esse contexto experiências traumáticas em seus países de origem, o que coloca esses indivíduos em vulnerabilidade social e suscetibilidade a problemas de saúde mental.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1995, não paginado) define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. Essa famosa concepção indica que o bem-estar físico deve ser acompanhado também por um bem-estar mental, o que, frequentemente, está associado a boas condições de trabalho, moradia, lazer, cultura, entre outros aspectos.

Essa concepção de saúde está muito ligada à ideia de direitos humanos oficializada na Declaração Universal de Direitos Humanos, de 1948, documento que se pretende universal (WEINTRAUB, 2011). Contudo, a autora também ressalta a importância dos estudos da etnopsiquiatria, compreendida como uma prática da psiquiatria que considera a importância de se pensar nas diferentes formas de se lidar com eventos traumáticos e nas diferenças culturais para se cuidar da saúde mental, . .

O modo de expressar processos psicológicos depende da cultura e isso deve ser considerado não apenas pelo psicólogo intercultural, mas também por toda a sociedade. Há ainda a necessidade de haver uma boa recepção por parte da sociedade que recebe o

estrangeiro, uma vez que tal relação influenciará significativamente sua adaptação (DANTAS, 2017).

Além da questão cultural e humanitária, há também uma importante questão econômica a ser considerada. Nos Estados Unidos, os refugiados pagam mais impostos do que recebem em benefícios assistenciais depois de apenas oito anos vivendo no país, o que demonstra que a força de trabalho do refugiado é, ao contrário do que se comumente acredita, mais um benefício econômico do que um fardo assistencial (EVANS; FITZGERALD, 2017). Além disso, estudos apontam, entre outros fatos economicamente benéficos, que a entrada de solicitantes de asilo aumentou significativamente o Produto Interno Bruto (PIB) dos países de destino, reduziu o desemprego e melhorou o equilíbrio das finanças públicas (BRITO, 2018). Desse modo, integrar esse perfil populacional poderia também trazer retornos positivos para o Estado e a sociedade.

Assim, é urgente direcionar o olhar para indivíduos refugiados para compreender melhor a realidade social e econômica contemporânea e tentar acolher de modo mais preciso esse perfil populacional.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar aspectos comuns que favoreçam ou dificultem a adaptação dos refugiados à cidade de São Paulo para que políticas públicas e intervenções psicoterapêuticas tenham base mais consistente.

## 2 METODOLOGIA

Foi feita uma pesquisa qualitativa em Psicologia Social e a principal ferramenta utilizada foi a aplicação de entrevistas semiestruturadas que buscaram contemplar o máximo possível de aspectos relacionados à história de vida e às experiências dos participantes em seus países de origem e em São Paulo, bem como o que eles entendem por processos de adaptação. Para discussão dos resultados, foram utilizados aportes teóricos de temas da Psicologia Social, como estudos sobre memória social (BOSI, 2004) e estudos da psicologia intercultural (DANTAS, 2017).

Em relação à população a ser entrevistada, faz-se importante discutir que, embora a definição de “refugiado” dada pelo Conare (2019, p. 3) pareça ampla, na prática, encontrou-se significativa dificuldade em entrevistar estrangeiros que de fato possuíssem o *status* oficial de refugiado, o que se deve a dois motivos.

O primeiro diz respeito ao fato de que o Estado se atém, em geral, à primeira parte da definição de “refugiado” do Conare, que o encara como o indivíduo vítima de perseguição política, social ou racial (FERNANDES; FARIA, 2017; BAZZO, 2018; BRASIL, 2019; VIEIRA, 2019), situação também referida por uma das entrevistadas, conforme será discutido mais adiante. Para fins desta pesquisa, no entanto, escolheu-se ampliar o entendimento de “refúgio” e, contrariando a lógica legislativa predominante, considerar adicionalmente o trecho do próprio Conare (2019, p. 3) que entende refugiados como também “pessoas obrigadas a deixar seu país de nacionalidade devido à grave e generalizada violação de direitos humanos”, compreendendo a expressão “direitos humanos” tal como contida na Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948 (ONU, 1948). Tal declaração afirma que é direito de qualquer sujeito ter condições básicas de sobrevivência – como o direito a uma alimentação adequada, ao estudo e a uma infraestrutura domiciliar, direitos relatados pelos participantes desta pesquisa como violados. Assim, a simples ausência de perseguição de um indivíduo não garante que os direitos humanos deste sejam respeitados, o que reforça, novamente, a necessidade de um olhar para este público.

Por fim, o segundo motivo se deve à pandemia de coronavírus, que intensificou os problemas sociais e econômicos já existentes entre a população de estrangeiros em vulnerabilidade social. Assim, se os refugiados “oficiais” já eram raros de serem encontrados pelos motivos discriminados anteriormente, com a pandemia, tornaram-se ainda mais inacessíveis devido ao fato de que (de acordo com o relato de um dos funcionários de uma instituição responsável por acolher refugiados/imigrantes) seus focos de atenção estavam voltados para a sobrevivência, com muitos deles estando inclusive sem condições financeiras para se alimentar. Assim, é relevante discutir que até mesmo participar de pesquisas como a presente é algo que exige tempo e disposição, e pessoas em extremo sofrimento podem não desejar/conseguir fazê-lo. Sendo assim, é importante considerar e abordar tal situação, pois isso revela que as iniquidades sociais passam por muitas áreas da vida de um indivíduo, tendo seus reflexos inclusive em questões aparentemente simples como participar de uma pesquisa.

Para esta pesquisa, foram entrevistadas pessoas indicadas por um dos funcionários do projeto Portas Abertas na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Infante Dom Henrique. Todos os indicados eram residentes na cidade de São Paulo e precisaram sair de seus países de origem fugindo de condições sociais, políticas e econômicas insustentáveis. Foram entrevistados três participantes e, em razão do isolamento físico necessário face à

pandemia de Covid-19 em 2020. As entrevistas foram feitas por videochamada, usando programas como Messenger e Google Hangouts. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), frente a essa situação inusitada, foi mandado para os participantes por e-mail, que o leram e confirmaram sua leitura e compreensão no início das três entrevistas, sendo tais confirmações registradas em áudio. Em tal termo, estava presente a autorização dos participantes para que suas entrevistas fossem gravadas em áudio, que, por sua vez, foram posteriormente transcritas para análise mais acurada dos conteúdos das entrevistas. No intuito de resguardar a identidade dos indivíduos, foram utilizados nomes comuns em seus países de origem – a saber, Haiti, Peru e Venezuela – para se referir a eles ao longo da presente pesquisa, no intuito de preservar, ainda que humildemente, aspectos de suas culturas.

Finalmente, foi realizada análise de conteúdo das entrevistas (BARDIN, 2009), que consiste na análise sistemática do conteúdo da entrevista, identificação dos eixos temáticos e interpretação à luz dos referenciais teóricos da Psicologia Social (GOMES, 2009).

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e aprovado sob o número CAAE 25494019.8.0000.0062.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Antes de explicitar e discutir as categorias que emergiram na análise de conteúdo das entrevistas, serão apresentadas brevemente as narrativas fornecidas pelos próprios participantes a respeito de suas histórias de vida e experiências de refúgio.

Jean, haitiano, solicitou visto humanitário em 2017 na Embaixada Brasileira no Haiti, devido a graves questões sociais e de infraestrutura que assolam o país que, além de o impedirem de continuar seus estudos em Linguística Aplicada na universidade, impossibilitavam uma vida digna, especialmente após o terremoto de 2010 (mencionado pelo participante como um acontecimento impactante em sua vida). Jean relatou a ausência de um sistema de transporte público estável no país – compartilhando, inclusive, uma história na qual levou mais de cinco horas para voltar da universidade para sua casa –; casos de violência – com pessoas constantemente passando pelas ruas exibindo armas de fogo e assaltos frequentes –; e problemas graves de infraestrutura – como ausência de rede elétrica em muitas regiões, o que dificultava atividades como estudo e acesso à internet. Por outro lado, disse sentir-se “muito bem, muito feliz” no Brasil, onde vive desde 2018, enfatizando

o acolhimento experienciado, e elogia a infraestrutura de São Paulo – “Aqui tem muito mais oportunidade, tem possibilidade de estudar gratuito, o governo paga o transporte, muita coisa aqui que não tem no Haiti. É muito diferente”.

Maria, venezuelana de 22 anos, também foi obrigada a interromper seus estudos em Veterinária na universidade devido a questões estruturais de seu país. Além de problemas econômicos e de infraestrutura graves, com elevada inflação e severas falhas de cobertura da rede elétrica, a jovem relata também ter sofrido muito por precisar interromper seus estudos e pelo acidente de caminhão que provocou a morte da irmã, que ocorreu quando a entrevistada tinha 12 anos. A participante relatou que o primo e a irmã saíram de moto para entregar uma encomenda, quando a moto desligou sozinha no meio da estrada. Enquanto seu primo tentava ligar novamente a moto, um caminhão se aproximava tão rapidamente que a irmã não teve tempo de pular da moto – apenas seu primo conseguiu sobreviver –, acontecimento considerado traumático por sua família e por ela, que afirma ainda hoje sentir falta da irmã. Após dois anos de estudo na Venezuela, mudou-se para o Peru, país onde trabalhava 13 horas por dia – no intuito de enviar dinheiro para os pais e o irmão, que haviam ficado na Venezuela – e em que sofria xenofobia, ouvindo constantemente “Volta pro seu país, não quero você aqui!”. Contudo, no Brasil, onde vive desde dezembro de 2019, relatou ser acolhida pelas pessoas e instituições. Também contou que, segundo a Polícia Federal brasileira, não precisava do *status* de refugiada, uma vez que ela possuía outras documentações, como passaporte, certidão de nascimento e RG. Após conseguir emprego em São Paulo, voltou a enviar dinheiro para sua família na Venezuela, o que a deixou “mais tranquila”.

Por fim, Quispe, peruano, tem uma história levemente diferenciada das dos outros dois entrevistados. Antes de se mudar definitivamente para cá, o entrevistado já havia estado no Brasil há oito anos para fazer um estágio da faculdade, ocasião na qual teve uma filha, que permaneceu vivendo com a mãe em São Paulo. Após ter sido demitido de seu emprego na universidade, no Peru, decidiu vir para o Brasil motivado por sua filha e pela possibilidade de melhorias financeiras. Embora não tenha trazido experiências traumáticas de seu país de origem, relata ter sofrido discriminação no Brasil – chegando a ouvir “Por que não volta pro seu país!?” e “O que você faz aqui!?” –, enfrentado questões burocráticas que o impediram de validar seu diploma universitário do curso de Zootecnia e, inclusive, ter passado fome, haja vista a dificuldade de conseguir emprego e de ganhar dinheiro. Contudo, no fim de seu relato, também assumiu um discurso esperançoso, referindo uma melhora em sua qualidade

de vida graças ao que ele chama de “autopromoção” de seu trabalho enquanto pintor e professor de espanhol e ao auxílio de diversas organizações não governamentais (ONGs) de acolhimento a refugiados e imigrantes. Por fim, embora este participante não tenha sofrido graves violações aos direitos humanos assim como sofreram os outros dois participantes em seus países de origem, optou-se por incluí-lo nesta pesquisa tendo em vista o fato de que suas experiências no Brasil – como a vivência de xenofobia, a dificuldade para validar o diploma e extremas dificuldades financeiras, que o levaram, inclusive, a passar fome por um período – se assemelham a experiências de muitos refugiados; portanto, sua narrativa foi considerada tão rica quanto as dos demais participantes.

Após a transcrição das entrevistas, seguindo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2009), foi feita uma leitura flutuante destas, a fim de se identificar os principais temas abordados pelos participantes. A partir dessa posterior leitura das entrevistas, foram identificados três grandes nichos temáticos e temporais em suas falas: Passado, Presente e Futuro.

### **3.1 Passado: quais as motivações?**

Nesta categoria, o principal subtema identificado, presente na fala dos três participantes, é a vida no país de origem. Nesse sentido, Quispe referiu sua vida no Peru como “maravilhosa”, ressaltando a importância de um ciclo social para seu bem-estar; porém, indicou também preocupações financeiras após sua demissão da universidade:

A pessoa, quando mora na sua cidade, ele já sabe as regras, sabe os comportamentos que tem que ter, e ele... atua livremente, sabe? Sem medo a nada. E outra que eu tenho lá...como se diz... um ciclo de amigos, de amizade, que você já formou há muitos anos atrás. Então você pode interagir com eles, marcar reuniões, aqueles vínculos sociais que você fez ao longo dos anos, eles te ajudam quando você passar dificuldade, quando tá passando, algumas coisas... êxitos também, você compartilha com eles [...]. Aquele ciclo ajuda bastante a pessoa a se manter equilibrado. Isso serve no círculo laboral, no círculo afetivo e no âmbito também... quando se vai relaxar... pra fazer algumas atividades... [...] então foi difícil pra mim procurar outro lugar [outro emprego], porque não tinha trabalho de campo, pra você sair e fazer outras coisas. E foi aí que eu sentei e “Nossa, estou aqui...”. Já tinha um ano desempregado, e a poupança estava indo embora [...]. (Quispe)

Maria também mescla em sua narrativa aspectos positivos e negativos na Venezuela:

Lá não tem água, não tem luz, não tem comida, medicamentos, a educação, todo o serviço, transporte, a saúde, tudo tá horrível. [...] Eu tenho uma irmã, só que ela tá no Céu, né, mas naquele tempo ela tava na casa com a gente. Aí eles compravam roupa pra gente, os gastos da escola, porque os três, né... e nós também, minha irmã e eu, nós sempre limpávamos as casas das nossas tias... pra ter também dinheiro, nem tipo pra coisas banais, materiais, sempre pra necessidade. Mas

dava pra cumprir a necessidade. A gente era feliz nesse tempo. Só que começou a piorar a situação cada vez mais... (Maria)

É importante ressaltar como Maria, em sua fala, associa a figura da falecida irmã a uma época “feliz”, utilizando, inclusive, o verbo “ter” – “Eu tenho uma irmã” – no presente, e não no passado, indicando a forte presença da memória da irmã, mesmo após 10 anos do acidente, tal como a própria participante contou mais adiante na entrevista:

Passaram 10 anos, ainda dói, mas não como quando aconteceu mesmo, sabe? Sabe o que eu sinto? Que ela tá comigo sempre. Eu sempre tenho sonhos com ela, que ela me fala, que ela me abraça, eu não tenho como sentir que não está comigo, sabe? Que não me acompanha, que estou sozinha, eu não sinto isso. Eu sinto uma conexão, sabe? (Maria)

Além dos relatos que mesclam momentos felizes e momentos difíceis, há também algumas situações específicas nas vivências dos participantes referidas como traumáticas. No caso de Maria, além da morte da irmã, há também a época em que precisou interromper os estudos universitários, a qual contou de forma emocionada.

Embora com narrativas a respeito das dificuldades em se viver no Haiti, é também frequente no relato de Jean sua satisfação em estudar, tirar boas notas nos cursos que faz e aprender línguas, trazendo, inclusive, um período em que viveu e trabalhou em uma escola jesuíta no Haiti, o que é seguido por um relato das dificuldades vivenciadas:

Eu fui também à escola de jesuítas aprender algumas coisas, e eu fiquei na casa da jesuíta, na biblioteca, fui bibliotecário também, para receber os visitantes para passar livros, todo o livro que eu vi lá eu gostaria de estudar [risos]. Eu tinha um conhecimento muito avançado em quase todas as... sociologia, filosofia, francês, literatura e muitas outras coisas, porque de lá eu vi Sigmund Freud, [...], Voltaire, Auguste Comte, Simone de Beauvoir, muitas outras coisas...  
[...] Problema de estabilização. Estabilização política, problema de infraestrutura também, porque, depois do meu estudo na universidade, não conseguia prosseguir por tantos problemas que tinha lá [...] tinha muitos vagabundos que ficavam passando com armas de fogo... (Jean)

Jean também narrou essa “história que fica gravando no meu espírito, no meu cérebro”; histórias principalmente relacionadas ao terremoto de 2010 e ao dia em que demorou cinco horas para chegar da faculdade até sua casa e que podem ser consideradas traumáticas. O relato do terremoto, inclusive, é feito duas vezes durante a entrevista – uma no início e outra no fim – e ele repete em diversos momentos a data exata em que este ocorreu, bem como o exato número de mortos de sua faculdade, o que reforça a importância que tal acontecimento teve em sua história de vida.

Torna-se visível, assim, o caráter ambivalente das narrativas do trio de participantes. Alegria e tristeza; curiosidade e medo; e realizações e desastres são alguns dos opostos que

aparecem nas falas sobre o passado, resgatando por meio do discurso uma realidade que de fato não existe mais. É nesse contexto do qual emerge o luto, pois, se, por um lado, uma realidade desumana não é mais vivenciada – o que pode funcionar como um motivo de alegria, alívio e esperança –, por outro, perde-se também uma vivência muito relacionada às experiências positivas que marcam um estilo de vida muito específico e afetivo do indivíduo, como a família, os lugares, a cidade e os amigos – “A gente era feliz nesse tempo” (Maria). Assim, a mudança de país assume esse caráter ambivalente, com a coexistência de uma esperança de construção de um modo de vida no qual haja um maior respeito aos direitos humanos e de um luto a partir de uma realidade positiva que deixa de existir.

Nesse sentido, é possível comparar tal contexto antagônico com a figura de uma balança: ao se colocar em perspectiva os aspectos positivos e negativos de se viver em uma determinada situação, tem-se que as lembranças/aspectos negativos ultrapassam os positivos, fazendo a balança pender consideravelmente para um lado; daí a necessidade de se buscar refúgio em outro local em que a sobrevivência seja mais viável. Nesse sentido, torna-se importante lembrar que o luto surge não apenas com a perda de pessoas, mas também com outras perdas simbólicas, como o país ou a liberdade (FREUD, 2006).

Esses achados concordam com a perda ambígua do refugiado – que, muitas vezes, não é reconhecida por este:

Essa perda é mais ampla que a da morte física porque a migração acumula várias perdas: parentes e amigos que permanecem no país de origem; língua natal; costumes e rituais; e da terra mesma. Por outro lado, é menor que a da morte, pois as perdas não são tão claras, ou irrevogáveis, já que todos se encontram vivos ainda que ausentes. Essa experiência traz emoções contraditórias, como tristeza e alegria, perdas e restituições, ausência e presença. (BORBA, 2011, p. 111)

Nesse luto, tem-se a vida e as pessoas que foram deixadas. Isso se dá especialmente na história de Maria, em que está muito presente a importância da família, que a ajudou inclusive no luto da morte da irmã:

E, bom, eu aprendi muito da minha mãe. Ela passou essa dor tão forte e ela ainda continua a vida, trabalhando, porque são dois filhos que ficam vivos. Sabe que minha família, meus tios, tias, primos, eles não deixaram sozinhos a gente. Eles passavam o dia todo na minha casa. Eles iam, cozinhavam, faziam comida pra todos. E a gente não tinha como se deprimir, sabe? O amor da família é o melhor que *hay*, que tem. E aí à noite, quando todos iam pra suas casas, a gente ficava triste [...]. (Maria)

Maria relata uma constante preocupação com a família, fazendo com que se dedique a ganhar dinheiro não apenas para sobreviver, mas principalmente para enviar parte dos ganhos mensais aos pais, na Venezuela. Devido às poucas possibilidades de escolha no país

latino – haja vista que os salários de seus pais, mesmo com empregos formais, não eram suficientes para alimentar a família –, Maria se viu impedida não apenas de continuar seus estudos na universidade, mas também de sobreviver. Viu-se então face a um contexto em que precisou migrar e tentar garantir o mínimo para sua própria sobrevivência e a de sua família. Porém, ainda assim, com a atual ajuda financeira de Maria, a família passa por dificuldades, fazendo com que seu irmão, de 14 anos, muitas vezes vá dormir sem jantar. A história da morte de sua irmã, nesse sentido, pode também ser entendida como uma metáfora de sua própria vida: Maria conseguiu sair da moto e escapar do caminhão, enquanto outros permaneceram na situação perigosa. Assim, é possível conjecturar que a presença desse passado é o que a motiva a buscar melhores condições de sobrevivência no Peru e, posteriormente, no Brasil: “O passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora de futuro” (BOSI, 2004, p. 66).

Frente às dificuldades socioeconômicas do Haiti, que se intensificaram muito após o terremoto de 2010, Jean viu-se com pouca possibilidade de escolha. De maneira semelhante, o passado de Quispe, que deu luz à sua filha, também clama e o motiva a se mover em busca de uma nova realidade, que, como será visto a seguir, apesar de benéfica, trouxe também desafios.

### **3.2 Presente: como se dá o processo de adaptação?**

Ainda a respeito do luto, há a necessidade de o indivíduo direcionar sua energia psíquica e foco atencional para outros objetos, sendo essa a forma pela qual o luto pode ser superado (FREUD, 2006). Pode-se dizer então que, em alguma medida, Jean, Maria e Quispe vivem esse processo buscando construir uma nova vida, após serem forçados a deixar uma realidade que proporcionava certo bem-estar e alegria, ainda que fossem ínfimos quando comparados à extrema dificuldade que enfrentavam em diversos âmbitos de suas vidas. Assim, após deixar essa realidade, Jean, Quispe e Maria se viram diante de uma nova história a ser percorrida e descoberta.

Em relação aos desafios inerentes a uma mudança de país, alguns subtemas foram comuns na fala do trio de participantes. Questões burocráticas, principalmente relacionadas a visto e validação de diploma, foram vividas de diferentes formas pelos três. Enquanto Quispe relatou dificuldades em validar seu diploma e até mesmo de ser compreendido pelas

peessoas, Maria relatou gratidão pelos serviços públicos brasileiros e Jean, embora também não tenha conseguido que as disciplinas do curso superior realizado no Haiti fossem oficialmente reconhecidas, não pareceu atribuir a isso um caráter negativo.

Nesse sentido, a dificuldade de validação do diploma de Quispe soma-se à xenofobia, direta e indireta, vivenciada:

Aí é o que eu falo de discriminação, porque mesmo você falando o “portunhol”, dá pra entender qualquer pessoa, mas o que acontece é que muitas pessoas falam “O quê?! O que está falando?! Não estou entendendo!”. Eu falei “verde” [imita sotaque do sul do Brasil, pronunciando apenas o fonema D], e não falei “verdchi” [imita o sotaque de São Paulo], como eles queriam. “O quê?! Não entendo! Pode falar pra mim, por favor?”. “Verdchi”. “Ah, você quis falar ‘verdchi’!”. E aí eu percebo que é discriminação. [...] não está discriminando diretamente, mas indiretamente está humilhando. E não foi só uma oportunidade, foram muitas oportunidades, e com brasileiros mesmo. E outras que foram um pouco mais diretas, né? “Por que não volta pro seu país?”, “O que você faz aqui?” e tal... (Quispe)

Entende-se “xenofobia” como uma atitude de “ódio, receio, hostilidade e rejeição em relação aos estrangeiros” que tem por base preconceitos históricos, religiosos e culturais exercidos a partir do medo de perder a própria identidade (LA GARZA, 2011, p. 1). O preconceito linguístico trazido por Quispe também se constitui em uma atitude xenófoba, uma vez que a intolerância quanto a sotaque e prosódia diferentes também é uma forma de exclusão; uma mensagem – muito clara, inclusive – de que seu modo de ser próprio e natural não é o suficiente para uma comunicação efetiva. É importante ressaltar que a xenofobia pode ser considerada como mais uma forma de desrespeito aos direitos humanos e, além de, evidentemente, não produzir defesa alguma – uma vez que a presença do outro estrangeiro nem ao menos se constitui em um ataque –, dificulta ainda mais o processo de adaptação do refugiado a seu novo local de moradia, tal como ressaltado pelo participante e já trazido por estudos (DANTAS, 2017).

Embora com apenas 22 anos, Maria já tem vivências diversas em três diferentes países. Nesse sentido, a venezuelana comparou espontaneamente suas vivências no Peru e na Venezuela. Enquanto no Peru relatou ter vivido experiências muito semelhantes às de Quispe, no Brasil, ela contou que os brasileiros são “amáveis”, sempre com “sorriso no rosto”, destacando, inclusive, o tratamento exemplar que tivera na Polícia Federal para adquirir seu visto de permanência no Brasil e explicando o porquê de ela não ter o *status* oficial de refugiada:

Porque quando fui pra Polícia Federal, a moça me falou: “Se você tem passaporte, se você tem a cédula de identidade [...], tem a certidão de nascimento, você não precisa, porque tem toda a documentação, não tá em perigo”, sabe? Aí ela me falou “Você não precisa, só precisa ter o visto temporário.” [...]. Falam “Tudo vai dar certo, fica tranquila, não tem

problema não...”. Nossa, é maravilhoso. Vocês acolhem as pessoas aqui. É bem lindo. Aí, quando eu fui pegar o visado [visto], aí também a moça, sempre com um sorriso, falou: “Ah não, sem problemas, tudo tá certo aqui, boa sorte, tudo vai dar certo”. (Maria)

Maria conseguiu isenção na taxa do visto temporário, pois sua amiga havia passado a informação a ela há tempo. Porém, referiu que muitos são os refugiados que acabam pagando a alta quantia no visto por não saberem que é possível solicitar a isenção – como ocorreu com a mesma amiga que passara a informação a ela. Assim, há clara necessidade de informações a respeito dos direitos dos refugiados serem mais bem divulgadas.

Problemas financeiros também foram referidos pelos três entrevistados como fatores que dificultam suas adaptações. Como já mencionado, nenhum deles conseguiu o reconhecimento de seus cursos universitários (ou de parte deles) aqui no Brasil e, para Quispe, isso teve um impacto bastante negativo, fazendo com que ele tivesse dificuldade de conseguir um emprego e com que ele demorasse ainda um tempo considerável para começar a trabalhar como um pequeno empreendedor, dando aulas de espanhol, trabalhando como pintor e vendendo crochês.

Por fim, percebeu-se, nas três histórias, a importância do suporte social, conceito compreendido no presente artigo como ações de acolhimento tanto do Estado quanto de instituições do terceiro setor e as provenientes de relacionamentos interpessoais, na adaptação dos participantes ao novo país. Maria se referiu a sua amiga venezuelana – que mora com ela e que a auxiliou, inclusive financeiramente, em sua mudança para cá – e as colegas da pensão onde mora como importantes figuras que a auxiliaram a se sentir “melhor” em comparação a como se sentia no Peru, país onde trabalhava 13 horas por dia e, portanto, tinha pouco tempo disponível para outras atividades sociais e/ou de lazer, como ela mesma trouxe. Jean, quando perguntado a respeito dos elementos que o ajudaram em seu processo de adaptação, contou entusiasmado sobre a amizade virtual que fizera pouco tempo depois de ter chegado em São Paulo, relatando que as conversas por mensagem de texto com sua amiga o ajudaram tanto em seu processo de aprendizagem do português que ele transcreveu à mão todas as conversas, como forma de estudar a língua e de registrar esses momentos em sua memória: “Até os 80 anos eu vou estar vivendo, vou me lembrar dessa história que essa mulher, essa professora, não sei, me ajudou, foi muita coisa que ela me ajudou”. Quispe, por fim, também contou sobre os relacionamentos interpessoais construídos nas ONGs como fatores que o ajudaram. Tal relato concorda com todos os estudos da vasta revisão de literatura realizada por Galina et al. (2017), que apontam os relacionamentos interpessoais

como fator determinante para a saúde mental do refugiado. Além disso, todos os participantes também relataram que foram auxiliados por instituições do terceiro setor que ofereciam cursos de português para refugiados e imigrantes e outros serviços, desde divulgação de ofícios realizados pelos acolhidos das ONGs até doações de roupas e cestas básicas. Além desse aspecto, Quispe e Jean também enfatizam como o convívio com outros refugiados/imigrantes nesses locais também formou uma rede de apoio afetivo, que teve efeitos positivos no processo de adaptação ao novo país de morada.

Acho que aquelas ONGs que tem aqui ajudam muito no psicológico, porque você chega aí... e as pessoas que são voluntárias, elas tratam com muita amabilidade as pessoas, então isso ajuda [...]. Acho que as relações que você consegue nesse processo ajuda bastante. Além de conhecer as histórias daqueles outros imigrantes, também você tem ao redor colegas, né, que têm algumas profissões, são formados... então você não se sente como que... em um círculo quase que similar ao que você tinha lá [no país de origem]. (Quispe)

Isso me ajuda, na cultura das pessoas, as pessoas que também estavam comigo na Missão Paz aprendendo português, que falam outros idiomas. Isso me ajuda. Ainda não falei, mas eu sabia muitas coisas das pessoas. [...] Essas pessoas me ajudam quando estávamos compartilhando cultura na escola [...]. (Jean)

A contribuição do suporte social no bem-estar e adaptação dos três concorda com o caráter multifatorial da saúde, tal como apontado pela OMS no início desta pesquisa e corroborado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Vários vieses da clínica psicológica também concordam com essa proposição, sendo que Dantas (2017, p. 63) aponta sua importância, na medida em que essas relações “fornecem guia cognitivo e conselhos, favorecem a resolução de conflitos, fornecem ajuda material e serviços e acesso a novos contatos, além do importante aspecto do reconhecimento identitário”.

A fala de Quispe mostrou, inclusive, a possibilidade de reconstrução dos laços sociais perdidos na mudança do país de origem, tornando possível ressignificar a experiência. Desse modo, tem-se então a morte de um estilo de vida e, concomitantemente, o nascimento de uma nova realidade, com a possibilidade de construção de novos laços afetivos e de uma nova rede de apoio.

### **3.3 Futuro: quais as perspectivas?**

Por fim, o último ponto de convergência na fala dos três participantes é a narrativa otimista que se forma em relação ao futuro e uma visão adaptada (ou em fase de adaptação) de si mesmos:

As coisas, quando a pessoa pensa positivamente, está sempre olhando pra frente, não pra trás – “ô, o que perdi!” – então... vai acontecendo. O mundo vai fazendo sua parte. Você faz sua parte, o mundo faz sua parte, o universo conspira para que tudo o que você está atuando flua da maneira correta. Porque você tem vezes aqui... não tivemos coisas para comer. E aí surge uma ligação de um amigo: “Ô, Quispe, você está precisando?”. [...] mesmo num mundo onde você olha pra aqui, olha pra ali, toda essa desesperança, mas sempre tem aquela luz que chega no momento preciso que você mais precisa. (Quispe)

Aqui, eu vivo muito mais tranquilo. Tem uma outra coisa que eu esqueci de mencionar na primeira parte, estou muito mais tranquilo. (Jean)

[...] eu sinto que estou crescendo, que estou aprendendo, eu sinto esperança que tudo vai dar certo. eu não sentia isso lá [no Peru], eu sentia tudo negativo, tudo ruim na maioria das vezes. (Maria)

Jean relatou que gostaria de fazer outra faculdade no Brasil e Maria, além de compartilhar o mesmo objetivo que Jean, também anseia por alugar uma casa, no intuito de trazer os pais e o irmão para morar aqui também. Assim, a presença de objetivos de médio a longo prazo parece atuar como um fator positivo no enfrentamento às dificuldades presentes. O futuro atua, assim, como incentivo ao presente.

### 3.4 Adaptação enquanto elemento integrador do presente, passado e futuro

Talvez uma das perguntas do roteiro de entrevista que gerou respostas mais intrigantes tenha sido “Pra você, o que significa se adaptar?”. Vejamos as considerações para essas respostas:

Para mim, adaptar... eu me considero como alguém que sai de um país e chega ao Brasil, **eu preciso de alguns meses, alguns anos, para me adaptar** à cultura do Brasil, à civilização, o jeito de falar, de vestir, de comer, de aprender, tudo isso. Adaptação. **Se tem muitas coisas que eu não sabia na minha cultura e que isso existe na cultura do Brasil, eu posso considerar isso como adaptação.** (Jean, grifos dos autores)

Jean associou a adaptação aos fatores tempo e transformação, de acordo com o trecho. Para ele, a adaptação inclui transformação.

Adaptar... de novo vou recorrer às metáforas. **Tenho um copo comprido e tenho um copo mais pequeno, mas é grande. Como água... a água toma forma do copo que [a] contém. Então acho que adaptar é tomar a forma do ambiente onde você está e atuar conforme as circunstâncias o permitem.** (Quispe, grifos dos autores)

Quispe também associou adaptação à transformação, uma vez que, na metáfora do copo, a água se molda ao formato do recipiente. Porém, nesse sentido, é importante lembrar o fato de que a água pouco se modificou, mantendo inclusive seu estado: ainda estamos falando da água em estado líquido em diferentes recipientes. A essência do indivíduo então,

para Quispe, mantém-se nas diferentes situações, com a (trans)formação ocorrendo apenas, como o próprio indica, na forma de se relacionar com as pessoas, com as instituições, com o trabalho e, em última instância, com ele mesmo.

Quando eu fui para o Peru [...] eu não consegui me adaptar. Eu chorava todos os dias. “Eu não gosto de nada... meu Deus, tudo é horrível, as pessoas são ruins”. [...] Aí... a minha adaptação foi horrível. Até o final foi difícil pra mim me sentir adaptada lá. E aqui, bom, principalmente no idioma, porque aí... é como eu consigo me comunicar com as pessoas. **Aqui, o idioma é mais difícil, mas as pessoas não. As pessoas fazem com que você consiga se adaptar**, se sintam em casa, porque sempre têm com um sorriso, né? Vou falar que é isso que eu sinto. Que mais... se adaptar é trabalhar, né, acostumar no ritmo de vida... bem diferente [tanto] lá na Venezuela quanto no Peru. É bem diferente dos dois. Dos dois países. [...] **Eu tinha também uma rotina [no Peru], só que eu não era feliz.** (Maria, grifos dos autores)

São notáveis as associações que Maria desenvolveu. A primeira delas diz respeito à influência do suporte social, já discutida anteriormente, cujos efeitos na adaptação se mostram ainda mais fortes do que outros fatores também muito importantes, tal como o idioma e a rotina já estabelecida em um novo local de morada. Isso mostra o quanto muitos fatores estão envolvidos na adaptação de um refugiado, demonstrando que a adaptação não ocorre sozinha.

Assim, a adaptação precisa vir acompanhada de um suporte social, que forneça recursos para que o refugiado possa se adaptar, sendo a adaptação, desse modo, um processo de mão dupla: na mesma medida em que o sujeito precisa ter autonomia para se adaptar e ter uma qualidade de vida em seu novo país, o Estado, o terceiro setor e a população também precisam ir ao encontro das necessidades de seu mais novo cidadão, disponibilizando múltiplos fatores, como acolhimento, empregos, cursos de idiomas, acesso a informações importantes a respeito de documentação, eventos culturais que promovam interação entre pessoas, apoio psicológico, entre outros. Em relação ao acolhimento, é relevante notar que há, nesse sentido, uma necessidade de mudança também cultural por parte da população, de modo que se distancie do entendimento do refugiado como uma ameaça ou um problema. Adiche (2014, p. 16, tradução livre), em seu discurso na defesa do feminismo, afirma: “Cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem cultura. Se é verdade que a completa humanidade das mulheres não é nossa cultura, então nós podemos e devemos fazer disso nossa cultura”<sup>4</sup>. Do mesmo modo, se o respeito e valorização do refugiado não é algo da cultura brasileira, então nós devemos fazer disso nossa cultura.

---

<sup>4</sup> “Culture does not make people. People make culture. If it is true that the full humanity of women is not our culture, then we can and must make it our culture.”

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de conteúdo das três entrevistas, foi possível realizar um registro da narrativa dos refugiados a respeito de seus processos de adaptação à cidade de São Paulo e a análise de tal registro permitiu identificar aspectos comuns nas falas dos participantes que favoreçam ou dificultem seus processos de adaptação.

Um elemento que esteve presente na fala dos três participantes foi o papel que o suporte social desempenhou em seus processos de adaptação. Todos referiram-se ao trabalho direcionado a refugiados e imigrantes realizado por ONGs como um fator muito importante em seus processos de adaptação, que os ajudou a aprender português e a estabelecer vínculos sociais positivos com outros refugiados e/ou com voluntários dessas instituições. Serviços e cursos gratuitos também foram referidos por Jean como facilitadores, e Maria contou também a experiência positiva que teve com órgãos de apoio ao refugiado e/ou imigrante, como o Centro de Integração e Cidadania do Imigrante, a Defensoria do Povo e a Polícia Federal – iniciativas provenientes tanto de organizações do terceiro setor quanto do próprio Estado. Contudo, tais aparelhos, por mais que atuem como fatores positivos, ainda carecem de melhor divulgação. Maria, por exemplo, relatou que sua amiga não conseguira a isenção da taxa do visto temporário porque não sabia que esta solicitação poderia ser feita; já Quispe queixou-se de excessiva burocracia para conseguir arrumar emprego e validar seu diploma, o que aponta que talvez nem todos os refugiados conheçam seus direitos legais e que, portanto, muitas vezes não ajam de forma a exercê-los. Infere-se, assim, que informações a respeito dos direitos dos refugiados, como trâmites necessários para validar e adquirir documentos, possam ser mais bem divulgadas, de modo a aumentar a abrangência de tais serviços e melhorar a qualidade de vida e, conseqüentemente, o acesso à saúde – em todos os seus âmbitos – dessa população.

Já entre os fatores que dificultaram suas adaptações ao país, todos disseram viver dificuldades financeiras e Quispe relatou a deficiência de vínculos afetivos. Sua experiência, nesse sentido, foi diferente da experiência dos demais participantes: enquanto Maria e Jean contaram que sempre foram muito bem tratados no Brasil – inclusive por pessoas desconhecidas na rua –, Quispe compartilhou ter vivido intensa xenofobia, falta de auxílio por parte de funcionários do governo e ausência daquilo que ele chama de “ciclo de amigos” que tinha no Peru. Ou seja, a presença de vínculos interpessoais foi considerada um fator positivo na adaptação de refugiados, enquanto sua ausência foi considerada um fator

negativo, o que mostra o quanto esse aspecto é essencial. Além disso, essa experiência de Quispe mostra que São Paulo não é uma cidade acolhedora em sua totalidade. Assim, o Estado, as instituições do terceiro setor e a população precisam disponibilizar empregos, cursos de idiomas, divulgação de informações importantes a respeito de documentação, eventos culturais que promovam interação entre pessoas, apoio psicológico, entre outros serviços; e é necessário que a população ofereça maior acolhimento e uma atitude mais respeitosa em relação ao outro, visando a uma transformação em nossa cultura em direção a uma cultura mais humanitária e diversa.

Em outras palavras, a adaptação pode ser considerada um processo de mão dupla: na mesma medida em que o sujeito precisa ter autonomia e buscar para si uma qualidade de vida em seu novo país, o Estado, o terceiro setor e a população civil também precisam ir ao encontro das necessidades de seu mais novo cidadão. Isso fica muito claro na história de Maria, que não conseguiu se adaptar ao Peru, mesmo tendo uma rotina, o que a leva a considerar que ela não era “feliz” naquele país. Essa situação não se repete aqui: graças ao “sorriso no rosto” nas pessoas no Brasil, às falas tranquilizadoras dos funcionários públicos e ao acolhimento dos brasileiros em geral, ela se sente adaptada e “tranquila”. Segundo seu relato, o Brasil, mesmo com uma língua estrangeira, fornece parte dos recursos necessários à adaptação: “Aqui, o idioma é mais difícil, mas as pessoas não. As pessoas fazem com que você consiga se adaptar”.

Por fim, de forma a ampliar a metáfora de Quispe, em que a água se adapta ao recipiente, é possível concluir que, na adaptação do refugiado, o copo também precisa se moldar à água, semelhante não a um copo propriamente, mas a um balão: ao encher um balão com água, ambos se modificam mutuamente. Sem a água, o balão fica murcho e disforme, assim como uma sociedade sem pessoas que a diversifiquem.

**Sobre o artigo:**

Recebido: 17 de janeiro de 2022

Aceito: 19 de dezembro de 2022

## REFERÊNCIAS

ACNUR BRASIL. **Governo e ACNUR lançam relatório Refúgio em Números e Plataforma Interativa sobre Reconhecimento da Condição de Refugiado no Brasil.** 2019. Disponível em [shorturl.at/mACO9https://www.acnur.org/portugues/2019/07/25/governo-e-acnur-lancam-relatorio-refugio-em-numeros-e-plataforma-interativa-sobre-reconhecimento-da-condicao-de-refugiado-no-brasil/](https://www.acnur.org/portugues/2019/07/25/governo-e-acnur-lancam-relatorio-refugio-em-numeros-e-plataforma-interativa-sobre-reconhecimento-da-condicao-de-refugiado-no-brasil/). Acesso em 10 de dezembro de 2022.

ADICHE, C. N. **We should all be feminists.** London: Fourth Estate, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.

BAZZO, G. Maioria dos pedidos de refúgio negados pelo Brasil é motivada por razões econômicas. **G1**, [S. l.], 2018. Disponível em [shorturl.at/lmrZ7](https://shorturl.at/lmrZ7). Acesso em 7 de setembro de 2020.

BBC. Brasileiro é mais tolerante à entrada de refugiados do que média internacional, mostra pesquisa. **BBC News Brasil**, [S. l.], Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48683509>. Acesso em 21 de agosto de 2020.

BORBA, D. Resiliência da esposa na expatriação. In: ARAUJO, C. A.; MELLO, M. A.; RIOS, A. M. G. (orgs.). **Resiliência: teoria e práticas de pesquisa em psicologia.** São Paulo: Ithaka Books, 2011. p. 108-133.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social.** 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

BRITO, S. Imigrantes fazem bem à economia, conclui estudo. **Veja São Paulo**, São Paulo, 2018. Disponível em <https://veja.abril.com.br/ciencia/imigrantes-fazem-bem-a-economia-conclui-estudo/>. Acesso em 9 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Especialistas denunciam dificuldades de venezuelanos que pedem refúgio no Brasil.** Brasília, DF, 2019. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/574304-especialistas-denunciam-dificuldades-de-venezuelanos-que-pedem-refugio-no-brasil/>. Acesso em 7 setembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012.** Brasília, DF, 2012. Disponível em [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em 4 out. 2020.

CHUA, A. **Battle hymn of the tiger mother.** London: Penguin Books, 2011.

COMITÊ NACIONAL PARA OS REFUGIADOS (CONARE). **Refúgio em números.** 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019. Disponível em [shorturl.at/bpT47](https://shorturl.at/bpT47). Acesso em 31 de julho de 2019.

DANTAS, S. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, São Paulo, 114, 55-70, 2017.

EVANS, W. N.; FITZGERALD, Daniel. The economic and social outcomes of refugees in the United States: evidence from the ACS. **Nber working paper series**, 23498, jun. 2017. Disponível em [shorturl.at/clnrxhttps://deliverypdf.ssrn.com/delivery.php?ID=168089005022002074079122030073098108014069006038058066023036036005022031055048087038118061092091126016009094047038052112007090104089021087106071064071124106086073103026015075081098075092099096124&EXT=pdf&INDEX=TRUE](https://deliverypdf.ssrn.com/delivery.php?ID=168089005022002074079122030073098108014069006038058066023036036005022031055048087038118061092091126016009094047038052112007090104089021087106071064071124106086073103026015075081098075092099096124&EXT=pdf&INDEX=TRUE). Acesso em 10 de dezembro de 2022.

FERNANDES, D.; FARIA, A. V. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 34, 1, 145-161, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-34-01-00145.pdf>. Acesso em 7 de setembro 2020.

FRANÇA, R. A.; RAMOS, W. M.; MONTAGNER, M. I. Mapeamento de políticas públicas para os refugiados no Brasil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 19, 1, 89-106, 2019.

FREUD, S. Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 249-270.

GALINA, V. F. *et al.* A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, 21, 61, 297-308, 2017.

GOMES, R. Análise e Interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. S., DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. p. 79-108.

LA GARZA, C. Xenofobia. **Laboreal**, 7, 2, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Genebra, 1948.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Facet definitions and questions**. Geneva: OMS, 1995.

PRADO, M. A. M.; ARAÚJO, S. A. Políticas de atendimento a migrantes e refugiados no Brasil e aproximações da psicologia. **Psicologia Política**, 19, 46, 570-583, 2019.

VIEIRA, A. L. Registro de migrantes sobe, mas Brasil reconhece mil refugiados. **R7**, 2019. Disponível em <https://noticias.r7.com/internacional/registro-de-migrantes-sobe-mas-brasil-reconhece-mil-refugiados-04022019>. Acesso em 7 de setembro de 2020.

WEINTRAUB, A. C. A. M. (2011). Saúde mental e refugiados: interfaces entre o universal e o relativo no direito à saúde. *In*: RAMOS, A. C.; RODRIGUES, G.; ALMEIDA, G. A. (orgs.). **60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. ( ). São Paulo: Editora CL-A Cultural. p. 147-160.